PERSPECTIVAS DO PARQUE PROLETÁRIO DA GÁVEA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DA AGÊNCIA NACIONAL E DO ACERVO DE ANTHONY LEEDS

Aluno: Eric Damião Duarte
Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

1.0 – Introdução

A presente pesquisa é continuação de dois relatórios de iniciação científica já apresentados por mim, sobre o Parque Proletário da Gávea. Anteriormente tentei trabalhar com o modo de vida no local e com a análise das remoções ocorridas nas décadas de 1960 e 1970. Na pesquisa atual minha proposta é analisar algumas fotografias do Parque, parecido o que já fiz anteriormente, mas agora por meio de uma reflexão mais teórica.

A ideia de trabalhar somente com as fotografias surgiu em uma reunião sobre a escolha do tema de pesquisa e a professora Margarida de Souza Neves sugeriu um seguimento da pesquisa sobre o Parque Proletário a partir da análise de fotografias do acervo Anthony Leeds, que visitei para etapas anteriores da pesquisa. A ideia de trabalhar com as fotografias foi muito bem aceita, por se tratar de um tema que tenho afeição.

O ano de 2020 tem sido muito complexo por conta de tantos acontecimentos e, a necessidade de atividades remotas e isolamento social acabou prejudicando um pouco a conclusão da pesquisa, mas ainda assim ela foi bastante proveitosa e prazerosa de construir.

O presente trabalho de Pesquisa em Iniciação Científica foi realizado por mim, Eric Damião Duarte, graduando de Ciências Sociais na PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. O Núcleo é vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC) e é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Silvia Ilg Byington. Também conta com os pesquisadores Clóvis Gorgônio, Eduardo Gonçalves, com a colaboração do professor Weiler Finamore (Departamento de Comunicação), o fotógrafo Antônio Albuquerque, e atualmente, além de mim, com mais quatro bolsistas de Iniciação Científica: Ana Clara de Amorim Inocêncio, Edson de Souza, Raylla Aquino e Juliana Capossoli.

Este relatório lista as atividades realizadas por mim no período de julho de 2019 a julho de 2020, dividindo-se em duas partes:
- Relatório Técnico: um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto que consolida o meu trabalho individual de pesquisa.

2.0 - Relatório Técnico

2.1 - Atividades em equipe

No período compreendido neste relatório, o Núcleo de Memória realizou atividades presenciais até março de 2020 e por conta da pandemia do COVID-19, as atividades passaram a ser exercidas remotamente:
- Reuniões semanais com a participação de toda a equipe através da plataforma *Zoom*: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais metas elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências, discutir textos produzidos pela equipe
- Publicação do acervo através do *website* do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

- Catalogação e sistematização do material documental através da digitalização e cadastro em metadados no banco de dados *on-line* do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Oficina para uso do aplicativo *Zoom* na qual a professora Margarida, Clóvis e Eduardo reuniram-se virtualmente com os bolsistas do Núcleo para treiná-los e capacitá-los para uso da ferramenta *Zoom*, indicada pela PUC-Rio para realização de aulas *on-line* e reuniões online;
- Realização de seminários teóricos internos com a participação dos componentes da equipe para a discussão sobre conceitos de Memória. Este ano, a equipe trabalhou com os seguintes assuntos:

01 – Seminário realizado em 06 de junho de 2019 sobre o filme "Asas do Desejo" do diretor Wim Wenders. A equipe discutiu as questões da memória e do afeto presentes no filme, de modo a entender como as experiências se mostram fundamentais na construção da memória. Debateu-se também a questão dos lugares de memória, fazendo referência ao Muro de Berlim, abordado no filme;

02 – Seminário realizado em 10 de junho de 2019 sobre os textos "A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da Odisseia" e "O rastro e a cicatriz: metáforas da memória" da autora Jeanne Marie Gagnebin. A equipe discutiu sobre a importância de trabalhar os fragmentos através da análise da autora e a questão do trauma e da cicatriz, analisando o filme discutido na semana anterior;

03 – Seminário realizado em 12 de agosto de 2019 sobre os textos "A emergência da memória", "História e memória: uma dupla antinómica?" e "O tempo e a força" do livro Passado, modos de usar escrito pelo historiador italo-francês Enzo Traverso. No seminário foi debatida a importância da memória no decorrer do tempo histórico e as considerações que ela pode se tornar na história;

04 – Seminário realizado em 25 de novembro de 2019 sobre do capítulo 3 "A retórica testemunhal" do livro "Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva" da ensaísta crítica Beatriz Sarlo. Foi discutido o papel dos testemunhos no contexto da memória;

05 – No dia 24 de março de 2020, deu-se início às reuniões via *Zoom* com a realização do seminário de texto do primeiro capítulo intitulado "Na caverna de Platão", da escritora e crítica de arte Susan Sontag. A equipe realizou reflexões filosóficas e sociológicas, através do texto para entender o momento atual em que o mundo se encontra em uma pandemia, causada pela COVID-19;

06 – Seminário realizado em 27 de abril de 2020 sobre o texto "Memória, identidade e projeto". A equipe discutiu a importância desses três princípios e de como eles estão interligados e são interdependentes;

07 – Em 30 de março de 2020, houve a continuação das discussões propostas pelo texto do primeiro capítulo intitulado "Na caverna de Platão", da escritora e crítica de arte Susan Sontag.

2.2 Atividades Individuais

Durante o mesmo período realizei as seguintes tarefas:

- Cadastro de fotos do acervo do Comunicar no site do Núcleo de Memória;
- Catalogação dos documentos das pastas da Reitoria no acervo do Núcleo de Memória; - Seleção e digitalização de documentos gerais nas pastas da Reitoria;
- Cadastro de fotos de eventos da PUC-Rio no acervo do Núcleo de Memória;
- Monitoria na exposição "Uma carta aos brasileiros – 40 anos do Projeto Portinari" realizada no Solar Grandjean de Montigny, no período de 22 de agosto de 2019 a 19 de dezembro de 2019;
- Visita ao acervo do Anthony Leeds, na Fiocruz;
- Busca por artigos que analisam a fotografia por meio de uma leitura em camadas.

As atividades coletivas e individuais e, sobretudo, a elaboração de uma pesquisa autoral sobre a remoção do Parque Proletário configuraram, de fato, um itinerário de iniciação científica, complementar às aulas e demais atividades acadêmicas. A seguir, segue o Relatório Substantivo produzido a partir da minha pesquisa.

3.0 - Relatório Substantivo

PERSPECTIVAS DO PARQUE PROLETÁRIO DA GÁVEA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DA AGÊNCIA NACIONAL E DO ACERVO DE ANTHONY LEEDS

Aluno: Eric Damião Duarte
Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

3.1 - Introdução

As fotografias podem ser indícios da existência e da consistência de determinados fatos; elas são fundamentais, assim como outros documentos, para manter a memória viva. Através das fotografias nos transportamos para épocas remotas e distintas, podemos ter acesso à arte, ao amor, à tragédia e às denúncias.

Dando continuidade a uma pesquisa já iniciada sobre o Parque Proletário da Gávea, essa é a terceira etapa do meu trabalho na qual busco analisar seis fotografias do acervo do antropólogo Anthony Leeds, existente na Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, localizada no Rio de Janeiro, fazendo uma contraposição às fotografias da imprensa na década de 1940. Em seu acervo é possível encontrar fotografias ricas em detalhes de pessoas e estruturas em algumas localidades da cidade. Anthony Leeds foi um antropólogo norte-americano que registrou o cotidiano das favelas em um período muito difícil na década de 1960, ano de grandes remoções e mudanças urbanas nas favelas do Rio de Janeiro. O antropólogo, ao lado de sua esposa Elizabeth Leeds, fez um extenso trabalho etnográfico, morando em diversas favelas do Rio de Janeiro com a finalidade de desenvolver seu trabalho de campo.

Essa imersão nas favelas por meio do trabalho de campo se faz com o intuito de entender a espacialidade e as relações existentes nesses locais através de um estudo mais aprofundando. Ao longo da morada, os dois fizeram diversas fotografias de favelas pela cidade e entre elas o Parque Proletário da Gávea. Suas fotografias podem soar como registro pessoal ou ainda como denúncia de locais precários e condições insalubres.

O Parque Proletário da Gávea era situado à Rua Marquês de São Vicente, número 147 e foi inaugurado pelo prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth, em 1942. Era composto inicialmente por 425 casas de madeira e abrigava aproximadamente 2.500 pessoas. O local foi criado no intuito de civilizar a população favela e chegou a ser encarado como uma das principais soluções para o problema de urbanização do Rio de Janeiro. Os registros dos Leeds foram feitos cerca de 25 anos após o início do projeto, quando as estruturas do local já eram outras. As fotografias feitas por eles retratam o processo de transformação pelo qual o Parque Proletário da Gávea passou.

O trabalho proposto por mim é uma análise das fotografias de forma interpretativa, buscando entender, por meio de uma reflexão teórica o significado da fotografia e do ato de fotografar. Essas fotografias com as quais trabalhei, sejam as dos Leeds ou as da Agência Nacional, são um rastro de fragmentos de memória e fazem parte de uma série de fotografias digitais do Parque Proletário da Gávea coletadas, organizadas e catalogadas pelo Núcleo de Memória da PUC-Rio. As fotografias dos Leeds que escolhi para trabalhar retratam o Parque da Gávea e o seu processo de favelização.

A autora Susan Sontag afirma em seu texto "Na Caverna de Platão" que "[...] nunca se compreende nada a partir de uma foto. É claro, as fotos preenchem lacunas em nossas imagens mentais do presente e do passado[...]" **[1]**. Dessa forma, as fotografias são essenciais para a experimentação de trabalhar o passado. No entanto, uma fotografia sem um fundo ou uma narrativa é como uma passagem de um texto no meio de uma expressão algébrica. É preciso ter cautela ao analisar a fotografia.

A autora também afirma que "[ao] nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver" **[2].** De certo, as fotografias são manipuladas na medida em que é necessário destacar algo, ou ainda, omitir alguma parte que não é desejável - por alguns - que seja visto. Esse processo de trucagem é descrito por Roland Barthes **[3]** como um procedimento conotativo que consiste na modificação - introdução ou remoção - de elementos na fotografia.

Os conceitos de Roland Barthes propõem uma análise das fotografias em camadas, através de linguagens. O conceito Denotativo é o qual se analisa de forma literal o que se vê sobre a foto. O Conotativo trabalha, de forma mais subjetiva, o que se supõe através da leitura da fotografia **[4].**

Minha ideia é trabalhar com as fotografias do Parque Proletário da Gávea feitas pelo antropólogo Anthony Leeds com uma visão analítica dos espaços representados nas imagens, seguindo na linha da análise de fotografias, semelhante ao que já fiz em pesquisas anteriores. Nesse trabalho, operando por meio da leitura de Susan Sontag e dos conceitos de Roland Barthes, pretendo ir mais a fundo na interpretação das imagens de Anthony Leeds e por vezes da Agência Nacional, assim imaginando o que o autor tentara retratar ao fazer seus cliques. Além disso, busco também interpretar a ideia do vazio, sempre deixado de lado, mas que ainda assim participa e se apresenta, às vezes intencionalmente, em algumas fotografias.

3.2 - Interpretações fotográficas

A interpretação dos fatos se dá por meio da ótica de quem o interpreta, e com imagens não é diferente. Como explicita Susan Sontag, é necessária uma narrativa acerca da fotografia para que essa tenha um significado consistente **[5]**. As fotografias do Parque Proletário da Gávea correm numa cronologia que começa na década de 1940 e termina em 1970, junto com o Parque em questão, possuindo uma pequena lacuna na década de 1950 na qual não foram achados registros fotográficos sobre o local e que eu busquei analisar no meu trabalho anterior. As primeiras imagens do Parque da Gávea podem ser vistas como um exemplo de projeto do governo Vargas, sem contestação na conjuntura da época. Mais atualmente, através de estudos sobre os parques proletários e a Era Vargas, podemos analisar as fotografias como denúncia do controle social exercido nos locais e contestar a visão da época.

O presidente Getúlio Vargas em visita a uma das casas do Parque Proletário da Gávea. 17/07/1943. Fotografo desconhecido. Acervo Agência Nacional/Arquivo Nacional.

Fotografias como essa poderiam ser atribuídas ao cuidado que o então presidente tinha com os moradores, um cuidado paternalista, sempre ao lado do povo mais necessitado, como ele mesmo defendia. O enquadramento do fotógrafo talvez tente expressar isso: o presidente saindo de uma das casas do Parque Proletário da Gávea, simples, com passarinhos pendurados e algumas plantas ao lado de fora, mostrando a ordem e os cuidados dos moradores do local. Apesar do caráter provisório do local, pela fotografia nota-se que a moradora cuida da propriedade como sua própria casa, ornamentando-a com uma cortina e um pequeno jardim ao lado de fora. Com um ar de satisfeito, o então presidente desce a escada, margeada de figuras de poder, bem vestidas, fazendo contraste com uma única senhora, que olha diretamente para a câmera, com um vestido mais simples, ao topo, sendo a provável moradora da casa.

Esse tipo de fotografia usada no contexto da época era importante para enfatizar que Vargas se fazia presente no Parque, assim como o fato dele ter ganhado uma casa no local, no sentido de passar uma ideia de igualdade. Entretanto, sabe-se que o Parque Proletário, nos primeiros anos, foi marcado por dura repressão imposta pelo controle da Administração Central do local, com toque de recolher e regras abusivas **[6]**. De acordo com Susan Sontag, "[...] fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto" **[7]**. Assim, "as fotos tornaram-se uma útil ferramenta dos Estados modernos na vigilância e no controle de suas populações cada vez mais móveis" **[8]**.

É interessante pensar que, durante a Era Vargas, existia um controle muito assíduo da imprensa e do que era publicado. Fotografias como essa eram um instrumento para mostrar a benevolência do Pai dos Pobres, forma como era chamado o então presidente pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Nesse contexto, ao DIP, "cabia-lhe coordenar, orientar e centralizar a propaganda interna e externa [...]. Essa estrutura altamente

centralizada permitia ao governo exercer o controle da informação, assegurando-lhe o domínio da vida cultural do país" **[9]**.

As imagens publicadas eram uma forma de exprimir que Vargas se fazia ali presente, sem deixar explícito o controle exercido. Vale ressaltar que "o DIP foi criado por decreto presidencial em dezembro de 1939, com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares" **[10]**. De acordo com Susan Sontag,

> ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos. **[11]**

Apesar da interpretação da fotografia caber a quem lida com ela como espectador, fica claro o processo utilizado na sua disseminação. "A fotografia de imprensa é uma mensagem. A totalidade dessa mensagem é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor [...] [esse] é o público que lê o jornal" **[12]**. Conforme Roland Barthes,

> [...] o canal de transmissão é o próprio jornal, ou, mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes, de que a foto é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação, e, de maneira mais abstrata mas não menos 'informante', pelo próprio nome do jornal (pois este nome constitui um saber que pode fazer infletir fortemente a leitura da mensagem propriamente dita: uma foto pode mudar de sentido ao passar de *l'Aurore* para *l'Hmanité).* **[13]**

Na época em questão Vargas tinha o controle total da imprensa por meio do DIP, o que garantia que os problemas do seu governo não ficassem tão evidentes ao povo e para o seu legado futuro. "Essa estrutura altamente centralizada permitia ao governo exercer o controle da informação, assegurando-lhe o domínio da vida cultural do país" **[14]**. O Parque Proletário da Gávea, nesse momento, através das fotografias, era apresentado como ideal para o convívio da população favelada, servindo de laboratório de convivência. Com status de projeto ideal, o local que funcionara para o que foi construído na primeira metade da década de 1940 tem uma escassez fotográfica até a segunda metade da década de 1960. Junto com essa falta de fotografias há também a falta de informações sobre o local, as quais busquei nos meus trabalhos anteriores e que possivelmente indicam um silenciamento e apagamento do lugar, uma remoção simbólica **[15]**. Esse período sem fotografias pode ser um indício de que com o fim do Estado Novo, já não havia mais interesse em manter os parques proletários nos holofotes como solução para o fim das favelas.

Mesmo sem confirmações de um projeto de sucateamento, fica claro que o Parque Proletário da Gávea, antes projeto ideal, passou a ser considerado um vizinho incomodo na Zona Sul em ascensão. Defendido por alguns e esquecido por outros, é nítido o estado do local nas fotografias do acervo de Anthony Leeds sobre o Parque Proletário da Gávea. Esse acervo, apesar de guardar fotos bem contundentes sobre o local e ser bastante acessível, possui fotos com possíveis equívocos de identificação a serem pontuados. Algumas com datas confusas, outras com locais que não parecem ser o Parque. Isso exprime uma necessidade de análise das fotografias, que apesar de apresentarem pequenas legendas em seu verso, são contestáveis de acordo com uma imersão nas imagens, como podemos ver nos exemplos abaixo.

Casas de Emergência construídas provavelmente no Parque Proletário da Gávea. c.1968. Fotógrafa Elizabeth Leeds. Acervo Anthony Leeds/Fiocruz.

Moradores entre os corredores das casas de emergência. Local não identificado. c.1968. Fotógrafa Elizabeth Leeds. Acervo Anthony Leeds/Fiocruz.

As fotografias acima, datadas e assinaladas por Elizabeth Leeds, de acordo com suas anotações, compreendem o mesmo período no Parque Proletário da Gávea, apresentam diferenças notáveis entre elas, como se fossem dois locais distintos e em diferentes anos. Um ponto a se destacar nas fotografias é a diferença no material utilizado para a construção das casas. Na primeira foto temos o que parecem ser galpões de madeira, sem janelas ou muros, apenas cercadas com muros improvisados de madeira e plantas enfeitando. Não parecem ser das construções originais. Na segunda, nota-se que as casas, majoritariamente, são construídas em alvenaria, com muros erguidos de tijolos e cimento.

As duas fotografias apresentadas detêm mais de uma data em seu verso e a primeira, a mais dúbia, não apresenta uma continuação em seu horizonte, parecendo haver no fim do corredor, além do indivíduo ao fundo, um grande vazio e nenhuma elevação ao redor. Desse modo, torna-se questionável ser uma fotografia de 1968 do Parque Proletário da Gávea, já que nesse momento o bairro já sofre com a urbanização e gentrificação, além de ao lado do local já haver a PUC-Rio.

Outro ponto forte das fotografias são as roupas penduradas no que parecem ser varais e nos muros e cercas das casas, uma característica bastante presente nas favelas do Rio de Janeiro. Como podemos reparar, em ambas as fotografias é utilizada uma perspectiva de corredor entre os blocos ou casas, de forma que fique perceptível, mais na primeira fotografia, o início e fim desse corredor. No final do corredor da primeira foto só há um único indivíduo bem ao fundo, próximo a um horizonte vazio. Já na segunda fica registrado um corredor com pessoas conversando dos dois lados, uma quantidade considerável de crianças e destacando-se, bem ao centro da foto, de costas, uma senhora que parece melhor vestida que os moradores

do local. Infelizmente, pela falta de informações precisas, não se pode afirmar que as fotografias são de fato do local.

Fica evidenciado a necessidade de análise das fotografias para além do que elas nos apresentam, seja na imagem seja na forma como foi identificada pelo fotógrafo ou mesmo pela instituição na qual está depositada.

Casas de emergência. Local identificado na imagem como "cidade praia-Ramos". c.1965. Fotógrafa Elizabeth Leeds. Acervo Anthony Leeds/Fiocruz.

Essa fotografia possui em seu verso a legenda Rio de Janeiro – Parque Proletário – Gávea Casas de Emergência. – 1965. Se nos baseássemos apenas em sua legenda aceitaríamos a ideia de que a fotografia realmente foi tirada no Parque da Gávea, mas através da concepção de paradigma indiciário de Carlos Ginzburg **[16]**, podemos remontar uma realidade complexa e não vivenciada por meio de indícios, pequenos sinais presentes na fotografia.

A imagem acima segue em uma perspectiva parecida com as anteriores: nela vemos um extenso corredor que parece ser uma rua vazia, somente com um carro estacionado. Em primeiro plano vemos um senhor bem vestido à esquerda e uma mulher passando com uma criança, além do que parece ser uma loja, mas que não é possível identificar qual serviço é prestado. Nessa pequena construção, além de um informativo é possível observar a inscrição "Cidade Praia – Ramos", ficando notável a possível localidade da fotografia - a favela da Praia de Ramos, localizada à beira da avenida Brasil, no subúrbio do Rio de Janeiro -, e a própria rua calçada com paralelepípedos margeando o que seria o espaço do conjunto de construções não corresponde ao que sabemos sobre o Parque Proletário. Fica evidente que é de muita importância fazer uma análise mais a fundo das fotografias a fim de reconstruir sua narrativa quando necessário. Nesse caso, apenas pelas informações assinaladas no verso da fotografia, somos levados a uma interpretação errônea da localidade capturada na foto.

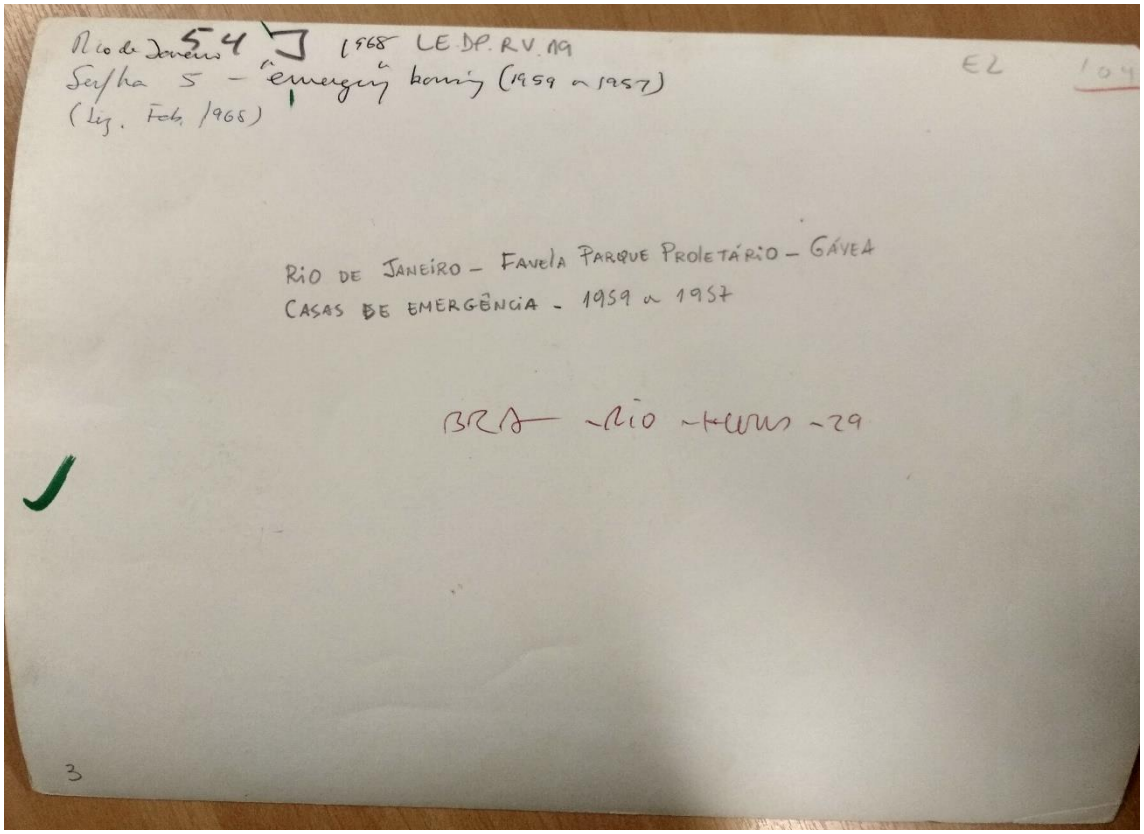
Moradores entre os corredores das casas de emergência construídas em local não identificado. c.1968. Fotógrafa Elizabeth Leeds. Acervo Anthony Leeds/Fiocruz.

Ainda pautado no conceito de Carlos Ginzburg, ao lermos essa fotografia fica claro que se trata de uma favela, por conta das roupas penduradas e o material de construção das casas e, assim como nas fotografias anteriores, ela também tem assinalado em seu verso a legenda referente ao Parque Proletário da Gávea. Diferente das anteriores, apesar de focar também um corredor, a captura dessa fotografia parece retratar mais a parte da frente do local. O que fica claro nessa fotografia é que o local se encontra bem na beira de uma estrada e assim como em pelo menos uma fotografia anterior, ela não tem um fundo de montanhas ou ainda prédios em seu horizonte. Por meio desses detalhes podemos levantar a hipótese de que essa fotografia também não é no Parque Proletário da Gávea, já que o bairro da Gávea de certa forma pode ser caracterizado como um vale, por ter cadeias montanhosas ao seu fundo. Outro ponto a ser destacado é a rua da fotografia, que em nada se parece com a rua Marques de São Vicente, que margeava boa parte do Parque.

Barthes defende que "descrever não é, portanto, apenas ser inexato ou incompleto, é mudar de estrutura, é significar outra coisa além do que se mostra" **[17]**. No caso, as legendas assinaladas como Parque Proletário da Gávea transportam essas fotografias para um local que não pertencem e, somente a partir de uma análise mais metódica, é que se pode interpretá-las e chegar a conclusão a respeito da sua localização aparentemente equivocada. Não se pode, infelizmente, saber de fato de onde elas são – parecem uma favela ao longo da Avenida Brasil, talvez em Ramos - mas, a partir da análise proposta é possível indagar de onde elas não são. Para Barthes,

> [...] o texto constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, a lhe 'insuflar' um ou vários significados segundos. Dizendo de outra forma, e isso é uma inversão histórica importante, a imagem já não *ilustra* a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem. **[18]**

Pensando nessa ideia, é importante analisar o verso e entender como o texto ilustra a imagem, transformando um local em outro a partir de informações dúbias.



Verso das fotografias com anotações sobre as casas de emergência. c.1968. Fotógrafa Elizabeth Leeds. Acervo Anthony Leeds/Fiocruz.

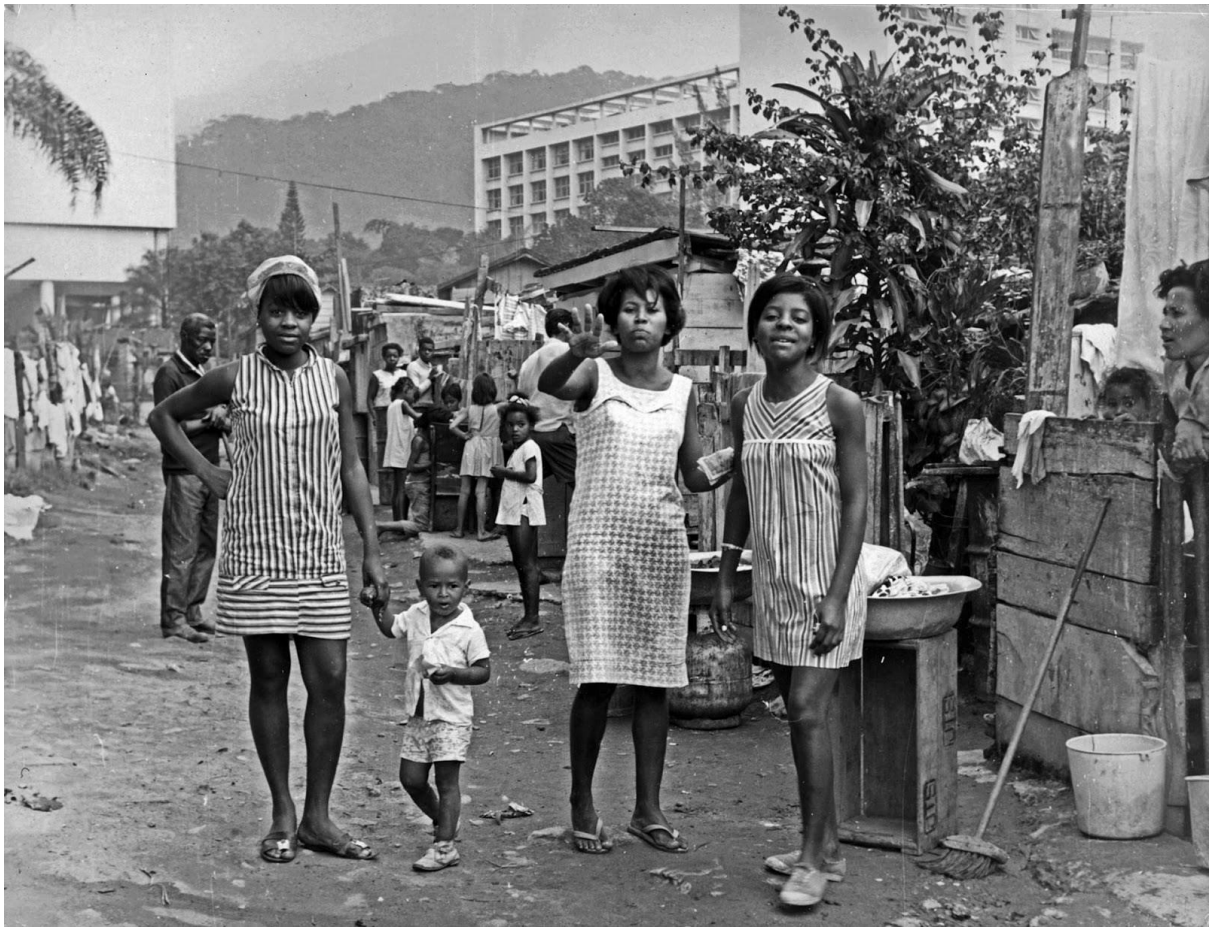
Podemos notar que o verso apresenta muitas identificações e algumas entram em conflito entre si. Na fotografia parece ter dois códigos de coleção, sendo o mais em cima o do acervo da Fiocruz (LE.DP.RV.19), onde a fotografia se encontra atualmente, já o de baixo (BRA-Rio-Houses-29) não se sabe se era de algum acervo pessoal ou não, ainda que a anotação em inglês seja uma pista de que tenha sido feita por algum dos Leeds. Outro ponto a ser destacado é a legenda, sendo a primeira em inglês, acompanhada do que parece ser SERPHA (Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas, da prefeitura do Distrito Federal - Rio de Janeiro), ao lado de "emergency houses" (1959 a 1957), que é uma alusão literal à natureza e finalidade das construções precárias, com o acréscimo de "Favela Parque Proletário – Gávea" na legenda posta bem no meio da parte de trás da fotografia.

O interessante é que apesar da data "1959 a 1957" sem muito sentido e que parece fazer o caminho inverso de uma ordem cronológica, a fotografia recebe também a assinatura "Liz, Feb. 1968", de Elizabeth Leeds. Fica claro que Elizabeth Leeds assina a foto, no entanto, a data assinalada é quase dez anos depois da data posta na fotografia à caneta preta. As cores de caneta diferentes nas inscrições podem indicar que a foto foi assinalada depois, nas tentativas de catalogação em arquivos diferentes pelos que a foto pode ter passado.

Um aspecto importante nas fotografias, como destaca a historiadora Maria Inez Turazzi que analisou o acervo de Anthony Leeds na Fiocruz, é o fato das legendas sugerirem iniciativas de identificação nas imagens e indicarem também usos diversos, sendo alguns futuros como, por exemplo, na incorporação de slides para aulas. Para ela, esses usos posteriores podem ser o indício de uma reciclagem das imagens, tanto para notas visuais em campo quanto para novos contextos didáticos **[19]**. No entanto, o mais intrigante é que apesar da legenda, como explicitado acima, o local da fotografia, a partir de uma análise mais

minuciosa, não parece ser de fato o Parque Proletário da Gávea. Um aspecto muito importante nas fotografias

Diferente das fotografias anteriores, essa próxima foto expressa nitidamente o processo pelo qual o Parque Proletário da Gávea passou, além de ficar clara a localização pela PUC-Rio aparecer ao fundo.



Moradoras do Parque Proletário da Gávea com a PUC-Rio ao fundo. 1968. Fotógrafo Anthony Leeds. Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

Nessa foto do antropólogo Anthony Leeds, podemos ver a caracterização típica que se tinha da favela, na qual são fotografadas em primeiro plano três mulheres negras e um menino, também negro. Atrás das mulheres, um caixote servindo de apoio para uma bacia com roupas a lavar e um botijão de gás, servindo também de apoio para o que parece outra bacia com roupas. Ao lado esquerdo, podemos observar, com um olhar mais minucioso, uma grande quantidade de roupas penduradas sobre cercas de madeira, o que sublinha a condição de favela do local. Ao fundo, no lado esquerdo vemos um pedacinho do prédio Leme e, à direita, parte dos prédios Frings e Kennedy.

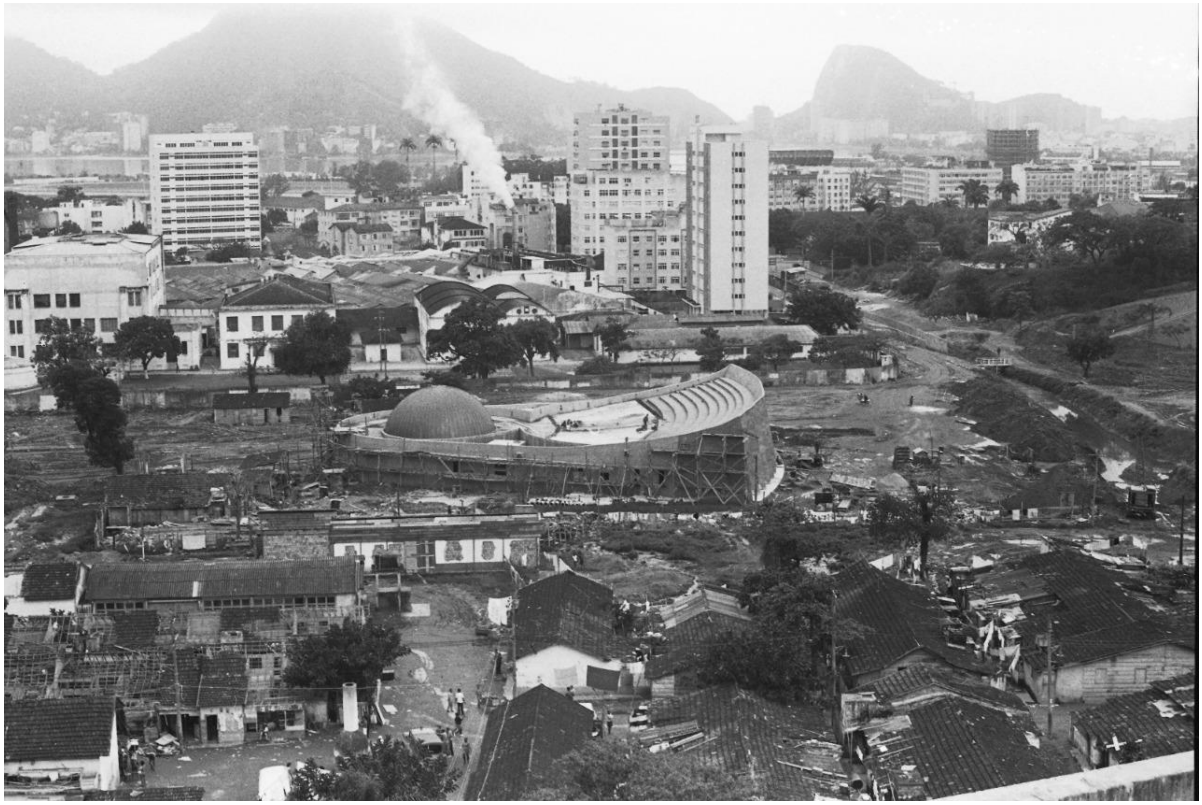
A fotografia explicita algumas dessas afirmativas mas, no entanto, não podemos afirmar se o fotógrafo de fato tentou retratar isso. Roland Barthes, por meio de um paradoxo fotográfico indaga:

> Qual é o conteúdo da mensagem fotográfica? Que é que a fotografia transmite? Por definição, a própria cena, o real literal. Do objeto à sua imagem, há decerto uma redução: de proporção, de perspectiva e de cor. Mas essa redução não é em nenhum momento uma transformação. **[20]**

Dessa forma, o autor deixa claro que em sua concepção, a fotografia, em seu sentido estrito, nada mais é que a realidade diminuída, em termos matemáticos.

3.3 - O vazio e suas subjetividades

A concepção de vazio pode ser encarada de uma forma completamente subjetiva, no entanto, o vazio de forma literal se impõe a partir do contato visual, como no caso das fotografias. A partir da experiência de esquecimento, ou ainda, de silenciamento, um lugar pode nunca ter existido no imaginário de indivíduos diante de certas perspectivas. O Parque Proletário da Gávea só é removido definitivamente em 1974, porém, desde pelo menos a década de 1950 ele já vinha sofrendo com uma remoção simbólica e um apagamento social nas notícias dos jornais e nas mentes dos que o ignoravam, inconscientemente ou não.



Planetário visto do Edifício da Amizade na PUC-Rio. 1969. Fotógrafo Weiler Finamore. Acervo pessoal Weiler Finamore.

A fotografia acima retrata a construção do Planetário da Gávea a partir da perspectiva de uma das salas de aula do edifício Cardeal Frings, na PUC-Rio. A foto, do final da década de 1960, retrata a expansão urbana do bairro da Gávea e o início da extinção do Parque Proletário em uma imagem que parece um pós-guerra, já com alguns sinais de remoção, com restos de estruturas e rastros de destruição. Nesse momento, apesar de contribuir com políticas benéficas para o Parque, a Universidade já havia entrado na disputa pelo terreno que então seria destinado para a criação de uma expansão do *campus*.

Mesa com autoridades na cerimônia para assinatura do protocolo de Acerto Final. 1979. Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Na fotografia podemos acompanhar parte da cerimônia para assinatura do protocolo de Acerto Final entre o Estado do Rio de Janeiro e a PUC-Rio para a construção da estrada para fazer a ligação Lagoa-Barra. Após anos de negociações, ficou decidido que a Universidade transferiria para o Estado parte de sua propriedade necessária para a abertura do túnel e, em contrapartida, receberia o terreno que havia sido ocupado pelo Parque Proletário da Gávea. Utilizou-se a meia-encosta do morro atrás do Edifício Cardeal Leme, evitando-se com isso que a estrada cortasse o campus, e decidiu-se pela construção do túnel acústico para redução do ruído causado pelo trânsito.

No período retratado na primeira fotografia, o Parque, de certa forma, é encarado como um pedaço de terra a ser barganhado e não é levado em consideração que no local moram ainda algumas famílias e que essas, sem um destino certo, ficariam à mercê do Estado e sua fingida benevolência de alocação em outros bairros. Na segunda fotografia, datada de 1979, dez após depois, temos o registro do momento em que o terreno do Parque, já vazio de moradores e com algumas casas restantes, é cedido à PUC-Rio, em troca de uma parte do terreno da Universidade para a passagem do Túnel Acústico.

O autor Andreas Huyssen, em seu texto "Os vazios de Berlim", retrata uma cidade devastada pela Segunda Guerra Mundial e ainda por uma guerra de memórias, sejam essas cruzadas ou opostas, como no caso dos intensos debates sobre como negociar o passado nazistas e comunistas. Ele afirma que

> [...] a cidade-texto tem sido escrita, apagada e reescrita ao longo deste século violento, e sua legitimidade se deve tanto mais às marcas visíveis do espaço construído quanto às imagens e memórias reprimidas e rompidas pelos eventos traumáticos. **[21]**

Em Berlim, a memória como um sentimento junto à necessidade cultural e física é o propulsor para a reconstrução da cidade. Algumas marcas são deixadas até hoje de forma

proposital para que sejam sempre lembrados os eventos catastróficos, de modo que não ocorram novamente. O que acontece com o Parque não chega aos pés dos ocorridos na Alemanha nazista, no entanto, o processo de apagamento do Parque da Gávea, através dos vazios, remete à Berlim como cidade-texto, utilizada pelo autor, com a diferença que o Parque como cidade-texto não foi reescrita como Berlim, foi sendo somente apagado ao longo dos anos. O Parque, quanto mais era apagado mais marcas deixava, como uma folha de caderno prestes a rasgar de tanto passarem a borracha. Após quase 10 anos nesse processo, em 1974, decidiram trocar a folha, arrancando essa marcada pelos tantos apagamentos. Desde então, não há placa, menção ou nada que identifique que no local já houve um Parque Proletário. Não há qualquer identificação do vazio deixado.

Parque Proletário da Gávea antes da remoção definitiva. 1974. Fotógrafo Luis Pinto. Acervo Agência O Globo.

Essa talvez seja a foto que mais nitidamente mostra a proximidade física do Parque Proletário da Gávea com a PUC-Rio. A foto, datada de 1974, mostra como o Parque degradou-se ao longo dos anos e que não houve sequer um processo de cicatrização. Os rastros de remoção são evidentes como feridas em aberto e antes mesmo do local passar por algum tipo de reforma e modernização ele é completamente removido.

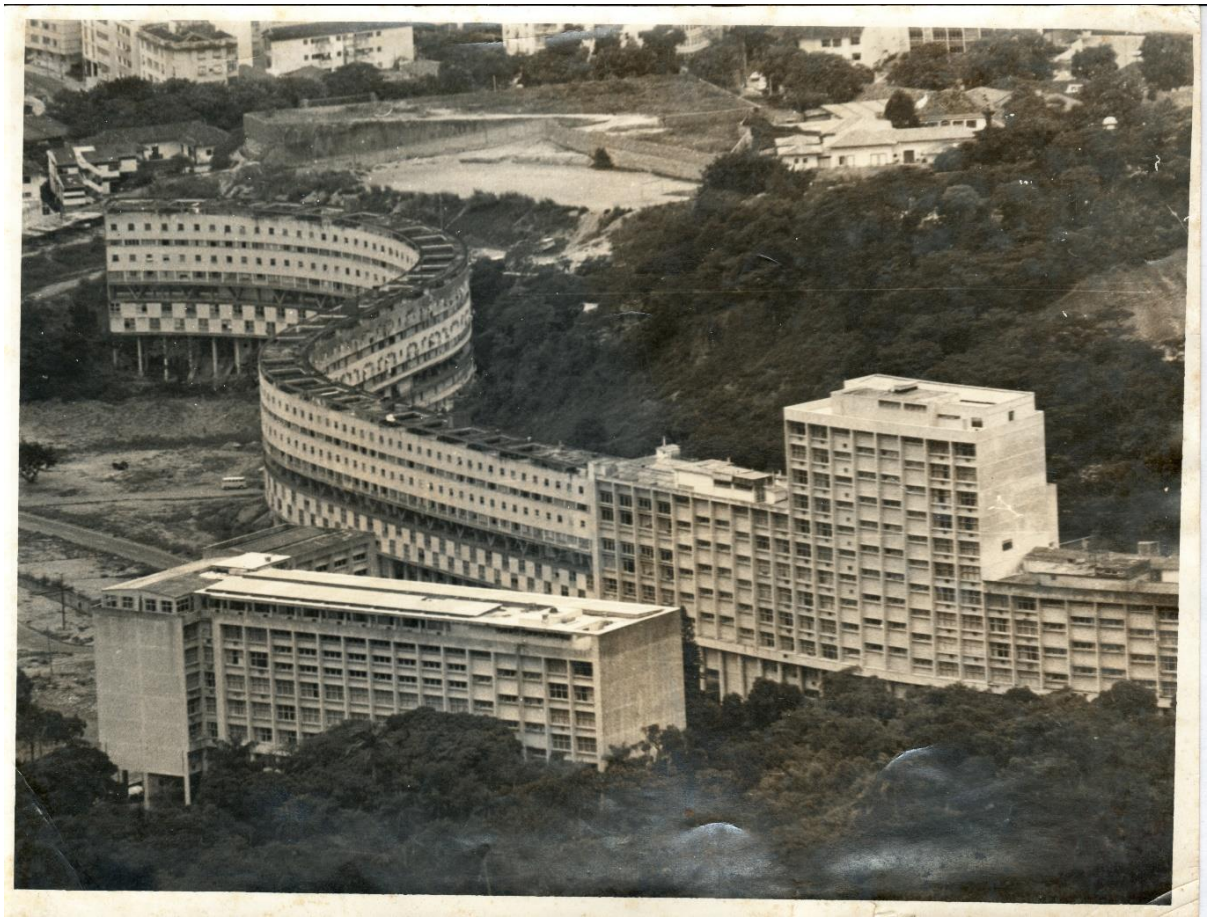
É interessante refletir que não sobrou qualquer vestígio do local, nem sequer o rio (quase um valão) que separava a PUC-Rio do Parque. Apesar de fisicamente vizinhos, nas imagens os locais eram como polos opostos e possuíam uma distância socialmente imensurável. A filósofa Jean Marie Gagnebin aponta que "não existe mais nenhuma certeza de salvação, ainda menos de Paraiso. No entanto, podemos – e talvez devamos – continuar a decifrar os rastros e recolher os restos" **[22]**. Recontar a história do Parque Proletário é um dever ético para que os rastros e os restos dessa história sejam salvos do esquecimento, conhecidos no presente e legados ao futuro.

3.4 - Conclusão

As fotografias registram um recorte da realidade capturada no momento da foto, elas passam exatamente o que é visto pelo fotógrafo, mesmo que não seja perceptível para este no momento. O processo de escolher o melhor ângulo ou a melhor pose às vezes descarta dezenas de fotografias. A autora Susan Sontag afirma que

> ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos. **[23]**

A preferência de uma exposição à outra retrata o objetivo da fotografia e pode não ser interessante destacar certos pontos que causariam estranhamento ou indignação ao ser mostrados.



Vista aérea da PUC-Rio com destaque para o Minhocão e o vazio deixado pelo Parque Proletário da Gávea. c. 1975. Fotógrafo desconhecido. Acervo pessoal do pe. Amarillo Checon S.J.

A fotografia acima retrata a PUC-Rio cercada por parte do verde da Gávea e, de uma forma muito sutil, como uma espécie de continuação do Minhocão. Não é possível afirmar se foi o acaso ou propositalmente e o que o fotógrafo tentou passar com isso, no entanto, podemos observar um discreto pedaço do terreno descampado à esquerda da Universidade, em local que no ano anterior ainda abrigava algumas de famílias no Parque Proletário da Gávea. Diferente da cidade Berlim, que preservou ruínas com a finalidade da lembrança e de memória, o Parque da Gávea nessa altura é completamente apagado, até mesmo das fotografias, como no caso dessa apresentada. Nesse momento, o Parque, para os que viram e interagiram, é só uma memória.

O Parque Proletário da Gávea, assim como Berlim, pode ser analisado pela chave da memória e entendido como um lugar de memória. Pierre Nora defende os lugares de memória **[24],** como locais repletos de lembranças, que hoje encontram-se nas histórias dos indivíduos que pertenceram ao local ou que tiveram alguma atuação nesse. O Parque Proletário - ao contrário de Berlim - não teve, mesmo no início, sua memória e cultura valorizadas e seus moradores, apesar de percebidos tanto pelos integrantes da Universidade como pelos agentes de Estado, não tinham um valor simbólico para a cidade, sofrendo um apagamento na luta pela permanência do local. Para o autor "a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento [...]" **[25]**. O Parque, nesse sentido, permanece no mundo das ideias dos ex-moradores, dos visitantes e dos que estudam sobre o local, um lugar de memória repleto de história e emoções.

4.0 – Referências

[1] - SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004. p. 18.
[2] - Ibid. p. 8.
[3] - BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: **Teoria da Cultura de Massa**. Luiz Costa Lima (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 325-338.
[4] - Ibid.
[5] - SONTAG, Susan, op. cit., p. 8-19.
[6] - OLIVEIRA, Ney dos Santos. **Parque Proletário da Gávea** - Uma Experiência de Habitação Popular. 1981. 120 f. Tese (Mestrado em Engenharia) - Coordenação dos Programas de Pós Graduação em Engenharia, UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.
[7] - SONTAG, Susan, op. cit., p. 8.
[8] - Ibid. p. 9.
[9] - A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. In: **DOSSIÊS**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>. Acesso em: 19 jun. de 2020.
[10] - Ibid.
[11] - SONTAG, Susan, op. cit., p. 10
[12] - BARTHES, Roland, op. cit., p. 325.
[13] - Ibid.
[14] - A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. In: DOSSIÊS, op. cit.
[15] - DUARTE, Eric Damião. De “Parque modelo” ao esquecimento: Os processos de remoção do Parque Proletário da Gávea. In: **SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA PUC-RIO**, 27. 2019, Rio de Janeiro. Anais do XXVI Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. p. 1-28.
[16] - GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 143-179.
[17] - BARTHES, Roland, op cit., p. 328.
[18] - Ibid. p. 333.
[19] - TURAZZI, Maria Inez. Abertura do seminário. In: **SEMINÁRIO O RIO QUE SE QUERIA NEGAR**: AS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO NO ACERVO DE ANTHONY LEEDS. 22/09/2015, Museu da República, Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WGrtGkZtEvc>. Acesso em: 29 jul. 2020.
[20] - BARTHES, Roland, op cit., p. 326.
[21] - HUYSSEN, Andreas. Os vazios de Berlim. In: **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 93.

[22] - GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 118.
[23] - SONTAG, Susan, op. cit., p. 10.
[24] - NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº. 10, São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, dez. 1993. p. 7-28.
[25] – Ibid. p. 9.